# 1 - Ele os criou

Os representantes da escola esotérica moderna invocam, em favor da doutrina androgínica, dois tipos de provas: provas autênticas pagãs (sem valor para os cristãos) e supostas provas cristãs (que também não têm valor).

As provas autênticas pagãs não deixam dúvidas. Elas podem não ser tão numerosas e incontestáveis como afirmam seus defensores, mas, enfim, elas existem. A mitologia antiga e a falsa mística de nossa época transmitem incontestavelmente uma certa ideia androgínica, seja ela demiúrgica, ancestral ou escatológica. Nós as examinamos amplamente em nossos artigos anteriores.

As supostas provas cristãs são de dois tipos: primeiro, provas "patrísticas", retiradas, portanto, dos Pais da Igreja; em segundo lugar, provas "escriturísticas", retiradas, portanto, da Sagrada Escritura. As provas que nossos adversários pensam tirar dos Pais da Igreja se reduzem, finalmente, a uma única: a estranha opinião de São Gregório de Nissa. Em seu tratado "Da Formação do Homem", São Gregório emite, sobre Adão, uma série de opiniões que ele recolhe de diversos lugares, que ele não critica suficientemente e que foram reconhecidas como falsas posteriormente. Ele pensa, por exemplo, que, criado à imagem de Deus, Adão foi inicialmente, como Ele, um ser puramente espiritual; na primitiva ideia de Deus, o recrutamento dos homens deveria ocorrer como o dos anjos, por criação individual e não por procriação; e Deus teria criado a geração sexuada apenas porque previa a queda; o primeiro corpo de Adão teria sido desprovido de sexo. Tudo isso, vê-se, não é muito coerente, e nos perguntamos se esta é realmente o verdadeiro pensamento de São Gregório de Nissa.

Exceto por essa exceção, a androginia ancestral não é encontrada na patrologia e nunca foi ensinada na Igreja, nem pela Escola, muito menos pelo Magistério. Os documentos comumente utilizados hoje atestam isso. O "Dictionnaire des Connaissances Religieuses" estabelece o tom no artigo "Adão":

> "Ele os criou homem e mulher, diz o Gênesis. Trata-se de dois seres distintos e não de um único ser que teria sido homem e mulher ao mesmo tempo. Um mito desse tipo, que ocorre em outros lugares, não está na Bíblia." (Volume I, Col. 81).

O "Dictionnaire de Spiritualité" simplesmente afirma a tradição de que Adão foi criado como adulto, capaz de trabalhar e procriar. Ele rejeita a tese de que Adão foi criado como criança e não menciona uma única palavra sobre uma eventual androginia. Nem mesmo menciona a opinião de São Gregório de Nissa, que foi abandonada desde então.

O "Dictionnaire de Théologie" de Vacant et Mangenot não faz absolutamente nenhuma alusão à hipótese androgínica e se contenta em refutar duas opiniões errôneas:

1. A opinião de que nossos primeiros pais teriam sido criados de tamanho gigantesco;
2. Aquela que afirma que originalmente eles teriam sido cegos, baseada no fato de que "seus olhos se abriram" após a queda. Em suma, a hipótese androgínica é absolutamente estranha à Tradição Apostólica e ao ensinamento do Magistério. Vamos agora passar às chamadas "provas escriturais", ou seja, aquelas que são diretamente tiradas do texto das Escrituras. Veremos que todos os trechos que são apresentados por nossos oponentes como provando a androginia de Adão podem muito bem, e até preferencialmente, ser compreendidos no sentido que sempre foi o da Tradição apostólica.

E no entanto, eles os invocam como suas fontes mais sólidas. E ao insistirem com tanta convicção, acabaram por criar uma espécie de má consciência, neste aspecto, até mesmo entre os católicos mais tradicionais, muitos dos quais chegam a se perguntar se a Sagrada Escritura realmente não contém uma vaga ideia androgínica. Portanto, queremos mostrar que não apenas o Gênesis não contém nada que favoreça tal mito, mas também prova de maneira indiscutível que os gêneros masculino e feminino foram distintos desde o início.

Vamos retomar a história da criação de Adão desde o início, para não deixar nada obscuro. O texto do Gênesis primeiro enuncia a decisão divina de produzir, após os animais aquáticos, aéreos e terrestres, uma nova criatura:

> "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gênese, I, 26).

Em seguida, veio a execução desse decreto:

> "E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou" (Gênese, I, 27).

As palavras "homem" e "ele" estão no singular, porque se trata do homem em geral, ou seja, tanto da mulher quanto do homem. A mulher, assim como o homem, é criada à imagem de Deus. A semelhança com Deus é comum a eles. Por isso, o texto diz: Ele o criou. Trata-se da espécie humana como um todo.

Observemos imediatamente que não há menção de qualquer androginia primordial. Se ela realmente tivesse existido, é aqui neste ponto da narrativa que a veríamos aparecer, pois depois só se fala dos gêneros separados.

No entanto, por razões que tentaremos compreender, Adão é inicialmente criado sozinho, masculino mas sozinho. E é precisamente porque Adão é masculino e sozinho (portanto, incapaz de procriar) que Deus toma uma nova decisão:

"Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe uma auxiliadora semelhante a ele" (Gênesis, II, 18). "Non est bonum esse hominem solum; faciamus ei adjutorium simile sibi".

É absolutamente evidente que se, nesta fase da criação, Adão tivesse sido andrógino, Deus teria se expressado de maneira completamente diferente. Ele teria dito algo como: "Não é mais bom que o homem e a mulher permaneçam juntos em um só corpo; separemo-los". Pelo contrário, ele diz Façamos uma ajuda; é a decisão de produzir uma criatura que ainda não existe. "Faciamus". E, portanto, é uma prova de que o homem, como ele ainda é, masculino e sozinho, não está completo, pois ele precisa de uma ajuda. São tantas certezas de que ele não é andrógino.

Quando, após expor os projetos divinos de suscitar um gênero humano, o Escritor Sagrado chega à narrativa da criação propriamente dita do homem, ele só usa o plural:

> "Ele os criou macho e fêmea. E os abençoou e disse: crescei e multiplicai-vos e enchei a terra e sujeitai-a e dominai sobre..." (Gênesis, I, 28).

Todos os pronomes e todos os verbos estão no plural. Deus, muito claramente, está se dirigindo a personagens que desde o início são distintos.

Já estamos certos, a partir desse "primeiro relato" da criação do homem, aquele do capítulo I (Gênese, I, 26-31), de que Adão nunca foi andrógino. E veremos que o "segundo relato", aquele do capítulo V, traz novas evidências na mesma direção.

Mas somos obrigados, ao longo do caminho, a combater também outra ideia, inevitavelmente contida nas teses andrógines. É a ideia de que a separação dos dois gêneros masculino e feminino (separação que, nessas teses, ocorreu em um segundo momento quando a androginia chegou ao fim) é uma malformação essencial, uma "ferida ontológica", conforme sua expressão. Para eles, é essa separação dos gêneros em si que é ruim, e não o uso desregrado que podemos fazer dessa distinção dos gêneros.

Para esses esoteristas, a separação dos gêneros masculino e feminino é patológica. Mas não é apenas, curiosamente, uma malformação acidental, é uma malformação "ontológica", nos é afirmado, ou seja, pertence à nossa essência. Eles expressam essa ideia por meio de formulações extremamente variadas. A distinção dos sexos é, para eles, uma "tragédia existencial", um "tormento ontológico", uma desgraça, um "escândalo ontológico", um "mal-estar irreduzível", uma "angústia fundamental", um "drama da existência". O homem, escreve Jean Libis em seu livro "O mito do andrógino", "é um andrógino cuja unidade se desfez".

Observemos imediatamente que essa noção de malformação essencial não se harmoniza bem com a suposta androginia primordial tão ardentemente defendida em outros lugares. Afirmar a separação essencial dos dois gêneros (por mais desagradável que seja) é ao mesmo tempo negar sua união original em um andrógino. Portanto, já há aqui uma primeira incoerência interna. Mas ela está perdida no espetáculo efervescente das imagens líricas.

E há também uma contradição com o texto sagrado sobre o qual se pretende basear, já que, como acabamos de ver, Deus abençoou o primeiro casal no estado de sujeitos separados: "E Deus os abençoou". Se Ele os abençoou, é porque não havia neles nem malformação, nem tormento, nem tragédia, nem escândalo, nem mal-estar, nem angústia, nem exílio, como gostam de nos dizer.

Conscientes dessa incoerência e contradição, as mentes mais inteligentes entre os esoteristas frequentemente deixam na sombra a androginia positivamente ancestral de Adão, decididamente difícil de sustentar, e a empurram "para cima" da criação terrestre; eles preferem falar de uma androginia celestial; portanto, ela não é mais ancestral, mas arquetípica; quando o logos pensou em uma união com a criatura, sua ideia típica teria sido, nos é dito, o andrógino. Este é o princípio que eles estabelecem.

Mas então perguntamos por que a realização terrena dessa ideia de encarnação andrógina não foi conforme ao princípio cogitado. Unidos no céu no pensamento divino, o homem e a mulher se encontram separados na terra em uma malformação ontológica. Se a separação é ontológica, como ela pode ao mesmo tempo ser uma malformação? Para associar essas duas coisas, é imperativo supor que o Criador (ou o demiurgo, como eles frequentemente dizem) mal realizou seu projeto.

Mais uma vez, nos encontramos diante do mesmo problema: de que inteligência surge então essa ideia do "escândalo ontológico" da separação dos gêneros que ouvimos repetir incessantemente pelos representantes da escola esotérica moderna? O casal humano seria ontologicamente mal feito. O cristão que está um pouco treinado no discernimento dos espíritos reconhece que essa ideia só pode surgir na mente daquele que é homicida desde o princípio. O Nome Deles é Adão.

O Gênesis contém, no início do capítulo V, o que é chamado de segundo relato da criação do homem. Ele confirma integralmente tudo o que acabamos de dizer. Encontramos novamente a semelhança divina comum ao homem e à mulher e também encontramos a distinção dos gêneros:

> "No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez..." (Gênesis, V, 1).

Novamente, trata-se da criação da espécie humana em geral. O singular é usado aqui porque não há motivo para distinguir entre homem e mulher, já que a semelhança divina é comum. Até hoje, e em todas as línguas, frequentemente dizemos "o homem" para nos referirmos indistintamente ao homem e à mulher.

Então veio a distinção dos gêneros. São as mesmas palavras que no primeiro relato:

> "Ele os criou homem e mulher e os abençoou... no dia em que foram criados" (Gênesis, V, 2).

Aqui, encontramos o plural em todos os lugares porque as duas criaturas estão separadas.

No entanto, uma expressão pode causar dificuldade: "...e ele chamou o nome deles de Adão". Literalmente, isso significa: "E ele chamou o nome deles de Adão". Portanto, é o nome de ambos, pois "eorum", mais uma vez, está no plural; ambos têm o mesmo nome. Mas então é surpreendente que o nome de Adão se aplique tanto a um quanto ao outro.

No entanto, observemos o seguinte: Adão não era originalmente um nome próprio, era um nome genérico. Aqui está a definição dada pelo Dicionário de Teologia de Vacant:

> "Adam = nome hebraico que significa homem, como a palavra grega "anthropos" e a palavra latina "homo", mas que se tornou, por apropriação, o nome pessoal daquele que foi o primeiro homem e o pai da humanidade".

Não é surpreendente, portanto, que em hebraico o nome seja único para sujeitos que já são distintos. Quisemos destacar essa particularidade do "segundo relato" da criação do homem porque os defensores do andrógino às vezes o usam como prova de sua tese. Eles argumentam que o nome é o mesmo para afirmar que os dois sujeitos eram um só. Vemos que a linguística, não apenas não impõe tal conclusão, mas até a desaconselha.

---

Revision #1
Created 13 June 2024 02:52:58 by Admin
Updated 13 June 2024 02:53:54 by Admin